

Resumo: A investigação sobre as diversas formas da memória da profissão, definidas como parte integrante da construção da identidade profissional, e as implicações que decorrem da sua ausência constituem o tema deste artigo. Esta área de investigação está associada à história das bibliotecas e dos arquivos enquanto instituições e acompanha a necessidade de se conhecer a história intelectual do campo profissional, a história da profissão e a história dos seus profissionais e carreiras. Enfatiza-se a necessidade da criação de um Dicionário da Profissão e enumeram-se diversas áreas do espaço biográfico dos profissionais I-D cuja investigação se encontra por fazer, dando especial realce a duas áreas pouco discutidas e praticadas em Portugal: o registo autobiográfico e o papel dos obituários.

Palavras-chave: Espaço biográfico; História da profissão; Memória profissional

Abstract: Research on the various forms of the memory of the profession, defined as an integral part of the construction of professional identity, and the implications of its absence are the subject of this article. This area of research is associated with the history of libraries and archives as institutions, accompanying the need to know the intellectual history of the professional field, the history of the profession and the history of its professionals and careers. Emphasis is given to the need for the creation of a Dictionary of Profession and several areas of the biographical space of ID professionals whose research is to be done are highlighted, giving special emphasis to two areas that are poorly discussed and practiced in Portugal: autobiographical records and the role of the obituaries.

Keywords: Biographical space; History of profession; Professional Memory

O estudo da memória

A memória é um tema que concita a atenção de várias áreas de conhecimento – Biologia, Psicologia¹, Sociologia, Psicologia Social, História, Ciências da Comunicação e Ciência da Informação – estando ligada a conceitos como os de: «espaço», «tempo», «narrativas», «produção de sentido», «testemunhos», «depoimentos», «memória individual e coletiva», «quadros sociais da memória» (HALBAWCHS, 2006), «ações memorialísticas»² (SAINT LAURENT, 2017b), «acontecimentos», «lugares de memória» (NORA, 1989), «rituais», «comemorações», «monumentos», «artefactos e objetos memoriais» (BENJAMIN, 1996),

¹ Cabe aqui referir os conceitos relacionados com as tipologias cognitivas de «memória de curto e longo prazo» ou de «memória episódica», influenciadas pelas emoções e pelos estados psicológicos – a «memória emocional» (DAMÁSIO, 2003).

² «A memory act can be defined as the act of presenting one's discourses as narrating, describing or interpreting something that happened in the past or as referring to something that is commonly believed to have happened. Acts of collective memory are thus the sub-category of memory acts that refers specifically to the collective past – what may be generally elonging to history, no matter whether it is recent history or concerns century old events» (SAINT LAURENT, 2017b:12) Este conceito aproxima a memória coletiva e a memória autobiográfica, dando destaque à intersubjetividade, e altera o foco da atenção para o que é contado, como se conta e como se imagina o futuro (BERNTSEN; BOHN, 2010).

a que acresce a respetiva «recordação e/ou esquecimento», o seu «silenciamento/censura», a sua «negação e apagamento» (POLLAK, 1989; RICOEUR, 2007).

Astrid Erll (2016) distingue quatro estágios de desenvolvimento na história dos estudos da memória:

1.ª fase (início do século XX) – Os estudos da memória ganham expressão com os contributos de investigadores oriundos de várias disciplinas sem que contudo ocorra o diálogo ou a troca de experiências entre eles. Destacam-se os contributos de Maurice Halbwachs (1877-1945) e Walter Benjamin (1892-1940).

2.ª fase (início da década de 80 do século passado) – Emergem os estudos interdisciplinares e as dinâmicas da memória comunicativa, produzida pelos *media* e por outros meios de comunicação, que contrastam com as dinâmicas das memórias das pessoas e dos grupos. Destacam-se os contributos do historiador francês Pierre Nora (1931-); dos historiadores alemães, Aleida (1947-) e Jan Assmann (1938-), a que acresce Saul Friedländer (1932-).

3.ª fase (cerca de 2010) – Assiste-se a uma mudança na abordagem, ultrapassando-se o foco territorial e as fronteiras sociais³. Surgem conceitos como os de «memória transnacional» (HUYSEN, 2000), «memória cosmopolita» (LEVY; SZNAIDER, 2002), «memória multidirecional» (ROTHBERG, 2009), «memória conectada» (HIRSCH, 1997) e «memória transcultural» (CROWNSHAW, 2011).

4.ª fase (atualidade) – Prevê-se que o futuro da investigação passe pela integração de conceitos como os de «memória transregional» e que se assista ao aumento da interseção entre a teoria da memória e a prática da memória, com os seus mútuos impactos.

A atual discussão em torno da memória é assim vasta e interdisciplinar⁴, com especial destaque para as interações entre memória e história, memória e comunicação, memória e identidade, áreas com forte impacto na reflexão profissional da área de Informação-Documentação (I-D), nela emergindo diversas temáticas/tendências:

³ Uma outra viragem epistemológica é assinalada por Hoskins (2016) ao referir que a memória tem vindo a ser estudada como um elo entre o passado individual e coletivo e o futuro.

⁴ Como ficou bem patente no Simpósio *New Directions and Challenges in Cultural Memory Studies. Past, Present, Future*, uma organização conjunta do International Graduate Centre for the Study of Culture (GCSC), Justus-Liebig University Giessen e Frankfurt Memory Studies Platform (FMSP) da Goethe University Frankfurt, em 2016. No balanço do evento, disponível no *site* (<https://www.memorystudiesassociation.org/>), afirma-se que a discussão demonstrou «[...] the decisive shift and expansion of cultural memory studies from its originally sociological conception, built on Maurice Halbwachs' theory, to other disciplines. The particularly historicizing conception of the SFB was part of this move, which, it was argued, should be pursued again today, with memory studies encouraged to make more connections to neighbouring disciplines, such as heritage studies, folklore studies and ethnography. Since it remains an interdisciplinary and multi-perspective endeavour, the roundtable participants suggested that the field remains dynamic and thus should continue to provide foundations for the creation and continuation of research clusters».

- **Valor do passado**⁵ – Nela impõe-se a reflexão sobre o valor do passado, esse «país estrangeiro» (HARTLEY, 1953), destacando-se a escolha das práticas de memorialização e de reconstrução do passado (BRESÇÒ, 2017), abrangendo todas as gerações profissionais na construção do futuro imaginado (SZPUNAR; SZPUNAR 2016);
- **Memória digital e instituições de memória**⁶ – Nela emerge a necessidade de valorizar a credibilidade, a transparência e o respeito pelas identidades através de práticas de rememoração, particulares e institucionais. É realçada a importância da proveniência, da autenticidade, da confiança e da integridade da informação, bem como a necessidade de garantir a qualidade das memórias institucionais. É questionado o desenvolvimento paralelo de memórias, assumindo-se claramente a existência de dois tipos diferentes: as legitimadas pelas instituições de memória e as geradas individualmente. É também suscitada a análise do uso e da gestão dos dados pessoais, da pegada e do legado digital, preservados por outro tipo de organizações. Coexistem assim diferentes formas e estratégias de preservar a memória, enquanto prática social, com diferentes agendas e diferentes intervenientes. Estas novas práticas colocam novas questões: Que tipo de memória será preservada? Quem irá gerir esta informação? Quem irá gerir a confidencialidade ou o livre acesso às mesmas? Como refere Moreno:

«Memories as History, memories as power artefacts, memories as sense of community, memories as public good, memories as a commercial product, memories as commemoration [...] So who governs such a powerful matter and who will govern them in a digital environment? But, what are we looking for: a participatory archive or aim to parallel archiving? With the continuous Web creation process that cannot be stopped and that would be hard to put under institutional control, new and multiple memories coexist. Could archives be connected structures, supported on and by the Internet and ICT? Would a collaborative model instead of a competitive model be more appropriate? It seems that archives are not as open to participatory activities as other institutions of memory are and that poses a great deal of challenges not only for the constitution of memory but also for the governance of the memory preservation processes. Activities such as ‘Total archives’ aim to preserve information that is not under mandate, but for maintaining an understanding of society over time. ‘Total archives’ maintain a balance between public and

⁵ GARDE HANSEN, *et al.* (2009:4-5) caracterizam as memórias digitais como o fim da história e o início da memória: «Digital memories deal with the past’s relationship to the present through digital media technology and they are engaged in a series of age-old deferrals – the *deferral of death* (BECKER, 1973), the *deferral of endings* (DERRIDA, 1994), and the *deferral of history* (BAUDRILLARD, 1994; FUKUYAMA, 1992). It is the instantaneous and flexible production of digital memories that puts history on hold, at least for the moment in which the digital memory is created. Keeping track, recording, retrieving, stockpiling, archiving, backing-up and saving are deferring one of our greatest fears of this century: information loss».

⁶ A expressão «instituições da memória» («institutions of memory» ou «memory institutions») é recente, tendo sido usado pela primeira vez em 1994 por Roland Hjerpe, nela se incluindo bibliotecas, arquivos, museus, monumentos e sítios patrimoniais, entre outros.

private archives. But the same questions come along: how are those private archives selected and by whom?» (MORENO *et al.*, 2014:12-13);

- **«Trajetórias de recordação» ao longo da vida** (SAINT-LAURENT, 2017b) – Nela emerge a discussão das formas de lembrar experiências coletivas do passado (afetivas, emocionais, físicas, generalizadas, interrelacionadas), em presença ou em ausência, o que permite a reflexão em torno de três novas questões: «first, the authorship of the resources used for remembering— it may not be the same persons that produce the elements that can be used as resources to remember, that those that use them; second, the authorship of collective remembering; and third, the weight and valences of the others in remembering» (ZITTOUN, 2017:3).
- **«Valor biográfico» e «partilha de relatos de vida»** – Nela alargam-se as práticas de introspeção e reflexão sobre o quotidiano, sobre experiências e histórias profissionais individuais, à participação de outros intervenientes (GUILLEMONT, 2010) através das tecnologias, constituindo um amplo «espaço biográfico» (ARFUCH, 2010), abrangendo várias dimensões do tempo e memórias imbricadas de momentos do passado, do presente e vislumbres do futuro da profissão. Na visão de Ricoeur (2007), partindo da análise da obra de Santo Agostinho, Confissões, estamos perante uma noção tríplice do presente: o presente do passado, ou **memória**; o presente do futuro ou **expetativa**, e o presente do presente ou **atenção**, ou, nas palavras de Saint Laurent (2017c), a memória coletiva constitui a referência para imaginar o futuro coletivo que, por sua vez, molda a forma como o passado é lembrado, tornando alguns aspetos mais relevantes do que outros.
- **Web enquanto memória viva, móvel, convergente e deslocável** – Nela emergem as narrativas das comunidades e as memórias partilhadas, de carácter heterogéneo e múltiplo, que se constituem como memórias coletivas produzidas no ciberespaço e das quais importa garantir a permanência⁷, avultando aqui a importância do trabalho de curadoria, enquanto base das práticas de biografia digital e das memórias digitais;
- **Novas formas de lembrar e esquecer num tempo de transição da memória** – Nela emergem as «memórias mediadas» e as «memórias portáteis» (VAN DIJCK, 2007; GARDE-HANSEN *et al.*, 2009). Uma das

⁷ Cumprindo uma estratégia de preservação da memória digital portuguesa, o Arquivo.pt (<http://arquivo.pt/>) pretende ser o Arquivo da Web Portuguesa, ou seja, dos conteúdos alojados sob o domínio .PT e de outros alojados fora deste domínio que sejam considerados de interesse para a comunidade portuguesa. É gerido pela FCT-FCCN, a Fundação para a Computação Científica Nacional (FCCN), uma unidade orgânica da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia). Trata-se de uma infraestrutura que armazena e permite aceder e pesquisar páginas da *web* portuguesa, arquivadas desde 1996, para fins de investigação sobretudo nas áreas da História, da Sociologia ou da Linguística. A sua criação foi motivada pelo carácter efémero de muita da informação publicada na *web* portuguesa, pois há estudos que apontam para que após um ano apenas 20% dos endereços da *web* se mantenham válidos. Complementa o Internet Archive que recolhe a *web* mundial e parcialmente a *web* portuguesa.

reações mais recentes é a luta pelo direito ao esquecimento no motor de pesquisa Google;

- **Luta contra o esquecimento e contra a passividade** – Empreendida por algumas dinâmicas memoriais que chamam a atenção para a importância da mobilização quotidiana no que se refere aos usos e aos significados da memória coletiva;
- **Injustiça intergeracional causada pela desvalorização do passado** – Minimiza o saber e a experiência e caracteriza-se por um ataque à memória, «com o encolhimento sistemático do que se lembra no presente a um passado de escassos meses e anos. No limite, apenas ao que se encontra nas pesquisas do Google ou está na Internet. O que acontece é que esse “passado” para além de ser considerado arqueológico, e portanto inútil de lembrar, afunda-se nas trevas do esquecimento. Por sobre esta memória de passarinho, crescem mitos, falsidades e memórias seletivas quase sempre instrumentais para as necessidades dos conflitos do presente» (PEREIRA, 2017:44).

Relativamente à profissão I-D, nos últimos anos assistimos em Portugal à identificação de conteúdos memoriais, de que são exemplos os 30 anos da Rede de Leitura Pública ou os 20 anos da Rede de Bibliotecas Escolares, associados a comemorações organizadas pelos e para os seus principais intervenientes, os atuais e os pioneiros. Mas será que a profissão tem criado e dado a devida atenção à sua memória coletiva? Como se recorda na profissão? A que nos referimos exatamente quando falamos da história da profissão? Qual a importância da história de vida dos profissionais? Como é imaginado o futuro coletivo? Estes são os aspetos que procuramos problematizar neste artigo a partir dos estudos da memória da profissão I-D, tendo como principal objetivo contribuir para a discussão em torno das perspetivas abertas pelos contributos biográficos. Sem pretensão de esgotar o tema, espera-se aprofundar a discussão, mapeando os principais temas que os caracterizam e interrelacionam, bem como as suas principais lacunas.

O estudo da memória da profissão I-D

Na visão de Rayward (2014), a discussão do futuro da história da informação deve ser feita através da interrogação do seu passado, analisando os momentos de mudança que reconfiguram continuamente funções, sistemas e estruturas, dos quais não podemos excluir as mudanças na profissão I-D e, no caso português, a longa luta pelo reconhecimento da carreira, bem documentada pela ação da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) e pelos testemunhos de vários profissionais, nos anos 60 e 70, sobre os processos de profissionalização, no plano social e legal, e pela forma como defenderam o alargamento da formação a todo o país e modelos mais inovadores (PEIXOTO, 1966; MENDES, 1979; PERICÃO *et al.*, 1984).

Posteriormente devem ser considerados os estudos sobre as fases de alteração do enquadramento normativo relativo a vínculos profissionais, carreiras e remunerações na Administração Pública (OCHÔA; BARATA, 2010; MARCOS, 2015), os estudos sobre estereótipos, imagem e competências (PINTO; OCHÔA, 2006; CARDOSO, 2014; SILVA *et*

al., 2011), os estudos sobre a visibilidade social (BARATA; OCHÔA, 2015), e os estudos sobre reconhecimento e reputação (BARATA; OCHÔA, 2016; OCHÔA; BARATA, 2017).

Nos estudos da história da profissão é dada especial atenção ao mercado de trabalho e às fases de desenvolvimento da profissão, através dos seus principais intervenientes, tanto individuais como institucionais – e associativos –, incluindo aqui os dois observatórios criados nos últimos 12 anos:

- O **Observatório da Profissão de Informação Documentação**, criado em 2005 através de um protocolo entre a INCITE – Associação Portuguesa para a Gestão da Informação, a BAD, a APDIS – Associação Portuguesa de Documentação e Informação de Saúde e a Liberpolis – Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Leitura Pública da Área Metropolitana de Lisboa, com o objetivo de diagnosticar e analisar prospetivamente o desenvolvimento profissional na área da Informação-Documentação, nas vertentes da formação profissional e académica, do desenvolvimento de competências e das trajetórias profissionais, tendo como referência o modelo profissional europeu consagrado pelo Euro-Referencial I-D (2005);
- O **Observatório de Ciência da Informação da Universidade do Porto**, criado em 2006, com o objetivo de monitorizar o percurso profissional, investigativo e formativo de cada *alumnus*, de modo a possibilitar a recolha e disponibilização de informação relativa ao percurso dos estudantes, garantindo a continuidade da ligação dos *alumni* à Universidade e à Ciência da Informação (CI) na Universidade do Porto e a promover a comunicação entre os *alumni*, estudantes, corpo docente e de investigação, instituições e empresas empregadoras, para dar a conhecer a área, promover e disseminar a produção científica, a organização e participação em eventos científicos e o espírito empreendedor e empresarial de estudantes e *alumni* (PINTO *et al.*, 2015).

Este protagonismo dos profissionais assume preponderância ao investigarmos o papel dos **pioneiros** (RAYWARD, 2004) definidos por Smiraglia (2009:35) como «those who, in some way, lead their peers to new destinations. Sometimes pioneers point the way or clear the path, sometimes they literally lead the way, and sometimes the term “pioneer” is used to designate role models. In the evolution of a domain, the pioneers might very well be those who have followed a theoretical principle in some particularly ardent manner, thus leading the rest of the domain toward an evolving research front». Este tipo de estudos é ainda pouco explorado pelos investigadores portugueses.

Outros aspetos relevantes são aqueles que valorizam a histórias das carreiras individuais, quer utilizando a recolha da história oral e das narrativas pessoais, quer focando-se nos relatos autobiográficos, nas memórias de profissionais (OCHÔA, 2012) e nos arquivos pessoais⁸, enquanto «albergues de uma memória dotada de singularidade» (ESCOBEDO,

⁸ Os arquivos acumulados por indivíduos abrem a possibilidade de nos aproximarmos do perfil daqueles que os produziram, permitindo igualmente o estudo da forma e da funcionalidade destes documentos nos contextos em que foram produzidos, conservados e divulgados.

2006), suscetíveis de desencadear vários processos de rememoração⁹ (MILLAR, 2006). Seguindo a divisão metodológica proposta para as biografias pelo historiador francês Dosse (2009), estas expressam a heterogeneidade e a multiplicidade de identidades da contemporaneidade, pertencem à era hermenêutica, caracterizada pela variação do enfoque analítico e pela alteração da escala utilizada. Para Dosse, o enigma biográfico sobrevive à escrita biográfica, permitindo revisitações das histórias individuais e dos seus traços ao longo do tempo.

No que se refere à **recolha de narrativas de carreira** de profissionais I-D que se destacaram em momentos-chave da profissão – casos de Fernanda Campos, Henrique Barreto Nunes, Lucília Paiva, Maria José Moura, Odete Santos, Silvestre Lacerda e Zita Correia – é de salientar a iniciativa levada a cabo pelo Observatório da Profissão de Informação-Documentação, em 2006, ou os relatos autobiográficos de autoavaliação da carreira apresentados por Ana Barata, Gina Rafael e Paula Ochôa, na comunicação apresentada no 11.º Congresso da BAD realizado em 2012, ou ainda o relato para memória futura de Maria José Moura, publicado no *Notícia BAD* de 2017 («Alguns apontamentos de 50 anos de profissão»¹⁰). A narrativa atribui coerência e continuidade aos eventos e percepções, assumindo particular importância o conhecimento do processo de mudança, os estádios de transição e os ciclos de carreira. Nela são consideradas diversas dimensões, tais como a análise do discurso das experiências narradas, a exploração de relações entre as experiências individuais e organizacionais e, em especial, as narrativas com valor histórico.

Uma outra perspetiva pode igualmente ser recolhida através da **análise comparativa dos cohortes profissionais** e das suas percepções e narrativas sobre os desenvolvimentos identitários e as dinâmicas da profissão em cada geração (OCHÔA; PINTO, 2009; OCHÔA, 2012; 2014; OCHÔA; MOSCOSO CASTRO, 2012), ou através de **estudos transicionais**, baseados em histórias de vida, como os realizados sobre os momentos de transição e de obsolescência de competências provocados pelas políticas da Sociedade de Informação

⁹ Outros processos recentes de rememoração em Portugal abrangendo outras profissões podem ser agrupados em várias tipologias: **livros de história da profissão** – de que é exemplo o livro, lançado em novembro 2017, *Médicos e sociedade: para uma história da medicina em Portugal no século XX*, coordenado por A. J. Barros Veloso, Luiz Damas Mora e Henrique Leitão; **programas de rádio** – como o programa *Sem Ensaio*, da Antena 1, estreado em 21 de dezembro 2017, com o objetivo de reunir pessoas, músicos e não-músicos, de duas gerações diferentes, em livro ou em outra plataforma, que contam histórias desde o início do jazz em Portugal; **livros de cariz biográfico**, realçando-se o levantamento das histórias de figuras e de contribuições marcantes para a história de profissões (como é o caso dos arquitetos da zona urbana do Porto, recolha levada a cabo por Domingos Tavares que, desde 2003, tem vindo a organizar as *Sebentas de história da arquitetura moderna*, obra organizada por autores, invocando para a decisão de escolha o contributo dos mesmos para: o conhecimento em profundidade; a relação entre a circunstância biográfica e as grandes estruturas do pensamento e da arte da arquitetura; a identificação da participação do autor em causa em estaleiros complexos e multiautorais, e, ainda, estabelecer a relação entre essas intervenções e a obra exclusiva e a si unicamente atribuída (RODRIGUES, 2012:96); os **grupos memoriais** («memorial groups») no Facebook ou o *Arquivo de memória oral das profissões da comunicação*, um projeto recente (2017) do Instituto Politécnico de Lisboa.

¹⁰ Disponível em: <https://www.bad.pt/noticia/2017/01/20/alguns-apontamentos-sobre-50-anos-de-profissao/> e <https://www.bad.pt/noticia/2017/01/27/apontamentos-finais-sobre-50-anos-de-profissao/>

(OCHÔA; PINTO, 2014) e pela transformação digital organizacional (OCHÔA; PINTO, 2017).

A **análise do discurso da profissão** tem vindo gradualmente a identificar os principais temas investigados ou discutidos ao longo dos últimos 50 anos (VIVAS; OLIVEIRA, 2016; OLIVEIRA *et al.*, 2013), permitindo uma visão sobre a construção da identidade coletiva, os seus valores e crenças, na qual podemos identificar o valor do passado e da memória coletiva e as suas mudanças conforme têm sido percecionadas e lembradas tanto a nível individual como coletivo.

A atual discussão sobre o futuro da profissão e os novos perfis profissionais necessita de uma sistematização ao nível das **questões identitárias** e das **representações sociais**, enquanto rede de mediações sociais, práticas de significação e sistemas simbólicos.

A história da profissão não pode ser feita sem integrar os aspetos relativos ao reforço da **«identidade epistemológica dos profissionais»** (RIBEIRO, 2005), e sem estudar a história da ciência da informação, da biblioteconomia, da arquivística e da gestão de informação em Portugal¹¹, devendo ser completada no futuro, quer com o **estudo dos arquivos pessoais** dos seus principais impulsionadores¹², quer com o **estudo da sua produção académica**.

¹¹ São imprescindíveis os estudos: SANTOS; PERICÃO, 1985; BARRULAS *et al.* 1989; PINO, 1996; SILVA *et al.* 1998, 2002; RIBEIRO; SILVA, 2004; BRAGA, 2006; PINTO, 2008; CALIXTO, 2008; DAVID *et al.* 2008; SILVA, 2013; MARQUES, 2016; PINTO, 2017.

¹² Veja-se o exemplo do estudo efetuado por Campos (2014) para o caso da Universidade de São Paulo ou os estudos promovidos no âmbito da História da Ciência em Portugal pelo Instituto de História Contemporânea (IHC, FCSH-UNL) e o grupo de investigação «Ciência» – CEHFCI (Ciência, Estudos de História e Filosofia de Cultura Científica), da Universidade de Évora, que realizou no final de 2017 o encontro internacional *História Biográfica e Intelectual da Ciência, Tecnologia e Inovação. Perspetivas Filosóficas e Visões de Política*, que vem chamar a atenção para a necessidade de investigar a história biográfica e intelectual da Ciência em Portugal adotando uma abordagem interdisciplinar e colaborativa, dada a existência de um grande número de pessoas, cujas vidas e contributos permanecem por descrever. Mais informação sobre este encontro pode ser obtida em: http://fcsch.unl.pt/submissao-de-artigos-cientificos/20171123_IntellectualHistory_PT.pdf. Um outro exemplo pode ser encontrado no *Dicionário de historiadores portugueses. Da fundação da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo (1779-1974)* (<http://dichp.bnportugal.pt/index.html>), com diversos tipos de verbetes: biografias intelectuais; entradas temáticas; instituições a que os historiadores estiveram ligados; jornais e revistas; tendo como objetivo explorar os domínios específicos em que se foi especializando a disciplina desde meados do século XIX: história política, história económica, história social, história cultural, história regional e local, história da arqueologia, história do cinema, história da música, teoria da história, incluindo temáticas que nos últimos decénios têm adquirido especial destaque: biografia, história da história, nacionalismo e história, opinião pública e história e história e género. De acordo com o seu coordenador (MATOS, 2012), a estrutura do *Dicionário*, para além de visar fornecer ao leitor um repositório atualizado de contributos e tendências, foi delineada a partir de uma preocupação de fundo: estimular o debate crítico sobre os caminhos recentes da historiografia portuguesa tendo por base a noção de que na cultura histórica portuguesa são frequentes as modas e os esquecimentos. A responsabilidade de reavaliar o património científico da disciplina é inseparável da solidez inerente à verdadeira inovação. Um outro caso interessante é o projeto FLUL *Alumni – Memórias Vivas*, desenvolvido pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cujo fulcro é uma base de dados de todos os seus antigos alunos. Atribui a quem se regista o cartão *Alumni*, que é gratuito, e que, além de o credenciar como antigo aluno, estimulando o sentimento de pertença identitária, proporciona vantagens nos parceiros do projeto, designadamente descontos ou condições especiais de acesso a

Face a um insuficiente interesse pela temática da memória profissional em Portugal, alguns investigadores têm vindo a defender a necessidade de se criar um **Dicionário da Profissão**¹³, que sistematize a sua história, os seus principais agentes e instituições, reservando ainda espaço para o registo de intervenções de profissionais que, não se enquadrando na categoria de pioneiros, preenchem o lugar inerente à história da carreira, ou seja, à história da generalidade dos seus membros.

A proposta de criação deste tipo de dicionário surge em 2006 como uma recomendação do estudo *A imagem das competências I-D*, sendo retomada em mais duas ocasiões: no 11.º Congresso da BAD, realizado em 2012, em Lisboa, através da comunicação de Ana Barata, Gina Rafael e Paula Ochôa, e, em 2014, pelos elementos do Observatório das Profissões de Informação e Documentação (eOP-ID), Paulo J. S. Barata, Leonor Gaspar Pinto e Paula Ochôa, que apresentaram à BAD uma proposta de organização de uma história e dicionário da profissão I-D, o *Dicionário dos Profissionais de Informação e Documentação (ID-dic)*¹⁴.

Esta proposta visava desenvolver uma abordagem global da profissão de Informação-Documentação em Portugal, evidenciando os principais marcos da sua história e apresentando os saberes profissionais contextualizados e referenciados aos grandes momentos da história da profissão e às grandes áreas temáticas das Ciências da Informação, em cuja análise se procuraria explicitar a sua importância e o seu significado profissional, evidenciando as ruturas paradigmáticas e enfatizando o seu estímulo para a inovação profissional.

A estrutura da obra, com carácter dinâmico e evolutivo, previa um 1.º volume dedicado aos grandes momentos da história da profissão em Portugal, abordando de um modo global as políticas e as principais ações relativas à profissão (organizado cronologicamente e a cargo de especialistas); e um 2.º volume dedicado às biografias dos profissionais de informação e documentação portugueses, cuja ação tivesse sido marcante para as diversas áreas de intervenção (ordenado alfabeticamente e a cargo de uma equipa de trabalho); um espaço *online* dedicado às biografias de todos os profissionais de Informação-Documentação portugueses, aberto ao registo e à participação da comunidade profissional, cujos conteúdos seriam disponibilizados após validação pela equipa do projeto. Este sítio *web* deveria conter, além de uma apresentação, um friso cronológico com os momentos marcantes da profissão, e as biografias individuais e institucionais dos profissionais e das organizações aderentes, o «coração» do mesmo.

As biografias individuais compreenderiam duas áreas distintas, a biografia geral e as publicações e comunicações; e as biografias institucionais apenas uma, a biografia da entidade. Para executar o projeto, previa-se uma estrutura composta pelos coordenadores

alguns serviços, atividades de âmbito formativo e eventos na área da cultura. Procura documentar nomes, percurso de vida e obra dos seus antigos alunos «[...] que contribuíram para a sociedade sua contemporânea e vindouras e forjar laços de identidade e solidariedade entre eles e os atuais alunos, dando um sentido de comunidade à partilha de um período determinante das suas vidas» (*vd.*: <http://alumni.letras.ulisboa.pt/memorias-vivas>).

¹³ Um bom exemplo de um dicionário histórico da profissão de bibliotecário pode ser encontrado no *Historical dictionary of librarianship*, obra coordenada por Mary Ellen Quinn, em 2014, cuja organização privilegia a cronologia dos principais eventos.

¹⁴ Súmula do projeto disponível em: <http://observatorioid.webnode.pt/estudos/>.

do mesmo e do OP-ID¹⁵, por profissionais convidados pela equipa de projeto, os chamados editores, e por profissionais sugeridos ou autopropostos, os redatores, com a seguinte metodologia:

- Entradas selecionadas pela equipa de projeto e distribuídas aos editores;
- Entradas propostas pelos redatores e aprovadas pelos coordenadores;
- As entradas propostas, depois de validadas pelos coordenadores, seriam distribuídas a um editor para acompanhamento;
- Os coordenadores poderiam editar a entrada e adaptá-la de acordo com os critérios editoriais do projeto;
- O redator da entrada poderia, a todo o tempo, alterar, corrigir ou adicionar a informação da mesma, sujeita a validação dos coordenadores/editores;
- Qualquer redator poderia propor um acrescento, uma correção, uma atualização a qualquer entrada, tendo o/a mesmo/a, porém, de ser validado/a pelo redator original da entrada e/ou pelos coordenadores/editores;
- No final de cada entrada constaria o nome ou sigla do redator da mesma, e a designação «Atualizações», que abriria uma página onde constariam os nomes dos redatores que introduziram alterações à mesma.
- A filosofia do projeto seria cooperativa, utilizando metodologias de cocriação de conteúdos, envolvendo profissionais de Informação e Documentação. O ID-dic pretendia ser a primeira vertente do Portal ID (ID-Pt), que previa uma segunda que iria abordar os conceitos-chave da profissão I-D¹⁶.

Este projeto pretendia ainda cobrir dois aspetos com pouca tradição em Portugal:

- A utilização da **abordagem autobiográfica**¹⁷, acessível a qualquer profissional interessado em partilhar a sua trajetória profissional.

¹⁵ Coordenado por Leonor Gaspar Pinto, Paula Ochôa e Paulo J. S. Barata.

¹⁶ Apesar de contactos informais e formais com a BAD para o estabelecimento de uma parceria, o projeto, que previa como recursos tecnológicos iniciais a parametrização de um *software* de base do projeto e um servidor para alojamento, não avançou.

¹⁷ A aplicação do método biográfico na investigação social desencadeou importantes embates teóricos no decurso de sua evolução, numa luta contínua pelo reconhecimento de seu estatuto científico enquanto método autónomo de investigação dada a subjetividade das narrativas autobiográficas (exemplos disto são: a «ilusão biográfica» de Bourdieu, 1986 ou a «ideologia biográfica» de Bertaux, 1997). Para Pineau (1988), o impacto das autobiografias reside exatamente no seu «paradoxo epistemológico: a união do mais pessoal com o mais universal», e para Ferratrotti (1988), na importância das mediações sociais dos grupos a que o indivíduo pertence, expressas por meio das formas críticas de uma narrativa autobiográfica. Algumas questões metodológicas continuam a merecer particular atenção ao analisar grupos profissionais: Como obter a biografia de um grupo? Usando o somatório das biografias individuais? Colocando o grupo num processo contínuo de interação para que se torne viável identificar as dinâmicas? A este respeito, Nóvoa (1992) considerou

- A prestação de tributos a profissionais falecidos – os **obituários** – enquanto «espaço biográfico» (ARFUCH, 2010) e género textual específico¹⁸ (VIEIRA, 2014), aberto a comentários e à colaboração para a construção de retratos mais plurais e completos dos sujeitos biografados.

A homenagem póstuma a colegas e antigos mestres, sob a forma de obituários efetuados por pares da profissão acerca do valor da sua contribuição (FOWLER, 2005; TIGHT, 2008; HAMANN, 2016), constitui uma tentativa de balanço da carreira e/ou obra do(a) falecido(a), sendo uma importante fonte de informação para a história da profissão, para o estudo das carreiras I-D, aqui se incluindo as académicas¹⁹, e para analisar as estruturas de poder e de capital simbólico do campo profissional, relacionando simultaneamente o indivíduo, as redes sociais e a coletividade em que participa (GUÉRIOS, 2011).

Espaço biográfico: conceitos, práticas e interações

O conceito de espaço biográfico²⁰ integra, caracteriza e articula a confluência de vários géneros discursivos autobiográficos contemporâneos, ligados aos relatos de experiências pessoais e à exposição pública da intimidade, desde os mais tradicionais, como cartas, diários, memórias e (auto)biografias, até aos mais recentes de cariz mediático e digital, com diversos usos e práticas interativas das «tecnologias de presença»²¹, tais como as entrevistas, os perfis, os retratos, os testemunhos, as histórias de vida e os *talk-shows* e *reality-shows*²² (ARFUCH, 2010).

que a multiplicidade de perspetivas e estratégias que têm sido geradas pelas abordagens autobiográficas constitui, precisamente, a sua principal qualidade.

¹⁸ Segundo Vieira, o obituário comporta em si características do género literário, uma discursividade jornalística e epidéctica, e uma temática que tem de assegurar «a conjugação da vida e da morte sob o prisma do recente e os seus impactos patémicos únicos» (2014:9). O texto é visto como objeto individual e, ao mesmo tempo, como um objeto que pertence a um coletivo, sendo portador de uma herança genérica, cultural. A análise das narrativas de vida e das representações da morte constitui uma das áreas mais estudadas, a par dos papéis da memória individual e coletiva em relação à escrita, à circulação e ao consumo de obituários e, mais recentemente, de memórias virtuais e da morte digital, o que pode conduzir a novos géneros, significados e representações (SANTANA, 2011).

¹⁹ É de referir a importância das homenagens e a edição de coletâneas em momentos de jubilação ou morte de académico.

²⁰ Arfuch (2010) alarga o conceito de «espaço autobiográfico» de Philippe Lejeune (1980) para lá do género literário e do seu conceito de «pacto autobiográfico» (1975), acreditando que este constitui um compromisso e uma garantia de autenticidade no que é relatado aos potenciais leitores.

²¹ Para Leonor Arfuch (2010) é importante dar relevo ao predomínio do vivencial na atualidade e às formas como este se articula com uma certa obsessão de comprovação, de testemunho, «ao vivo», do «tempo real», da imagem, do efeito «vida real», do «verdadeiramente» ocorrido, suscetível de ser confirmado por testemunhas, informadores, câmaras, microfones, gravações e confissões.

²² Para esta autora, a maioria destes exercícios biográficos poderão considerar-se como «ego-história» (NORA, 1987), experiências pessoais presentes no texto na primeira pessoa, caracterizados por «[...] un auge de autobiografías intelectuales, una narrativa autorreferencial de la experiencia teórica y la autobiografía como sujeto de la investigación en sí, por no hablar de la pasión por los diarios de filósofos, poetas, científicos, intelectuales. Y tenemos que decir que, a veces no hay muchas diferencias de tono entre estos ejercicios de la intimidad y de la intromisión en las vidas famosas u ordinarias con las que se enfrentaba la televisión todos los días (ARFUCH, 2010:61).

Entre os muitos tipos existentes, deve-se continuar a valorizar a utilização da autobiografia, um conceito estudado e definido por Georges Gusdorf (1912-2000) em 1990 numa dimensão tridimensional e sistémica, que, tal como os textos biográficos – os chamados «textos do eu» – encerra em si mesma uma manifestação da humanidade. Os vários exemplos elencados não se excluem, antes se complementam, possibilitando que se escreva a história de uma vida, usando mais do que uma tipologia.

A autobiografia integra:

«1) l'autos, c'est l'identité, le moi conscient de lui-même et principe d'une existence autonome; la conscience de soi n'intervient qu'après un long délai, avec un retard considérable par rapport à la venue au monde du bios en sa nudité première; alors l'identité personnelle ne peut s'affirmer que comme un ensemble de différences propres sur l'arrière-plan des similitudes communautaires; 2) le bios affirme la continuité vitale de cette identité, c'est son déploiement historique, des variations sur le thème fondamental; un être humain est d'abord une existence organique; la vie correspond à l'amplitude totale du champ existentiel défini par le déploiement de l'autos, de l'individualité dans la diversité des espaces et des temps, car «nous ne sommes jamais tout ce que nous sommes»; le bios, l'histoire réelle et accomplie, déborde à tout instant la capacité de la conscience actuelle (l'autos); 3) le graphein introduit le moyen technique propre aux écritures du moi; l'écriture est le fruit d'un apprentissage tardif puisque le maniement complet de cette technique et la maîtrise de la rédaction sont longs à acquérir; avec l'écriture l'humanité fait son entrée dans une nouvelle ère de civilisation» (GUSDORF, 1990a:10-11).

Para ele, não existe uma verdade absoluta, visto que a recuperação de uma vida pode ser a todo tempo retomada, reconsiderada e reinterpretada por meio da imaginação que inventa e preenche as lacunas deixadas pela memória (HERVOT, 2013; CAMARERO, 2008).

Utilizando ainda a diferenciação de Georges Gusdorf (1990a, b e c), podemos encontrar as seguintes diferenças entre o diário e as memórias escritas: o diário possui um carácter de instantaneidade que o diferencia da autobiografia pela estrutura fragmentada, efémera, pois não expõe a verdade de uma vida na sua totalidade e na sua cronologia – pode começar e acabar em qualquer momento. A forma de escrever e a natureza das questões abordadas seguem o estado de espírito idiossincrático de seu autor. O diário está ao alcance de todos: num determinado momento da vida, o sujeito escreve sobre os acontecimentos da sua existência, apenas fragmentos da vida nos quais o seu autor se contenta em fixar alguns instantes da memória sem se comprometer profundamente com o futuro. Sabemos que só a escrita tem a capacidade de salvar para sempre as lembranças e guardar o «estado de consciência», transfigurando desse modo a consciência em conhecimento. O escrito permanece e a escrita íntima propriamente dita assegura a comunicação de si para si (HERVOT, 2013).

A memória autobiográfica é definida como a memória do ser na sua essência. Nas memórias, os acontecimentos são reconstituídos a partir da lembrança e da recapitulação de factos vividos, onde a prioridade não é a história da vida íntima, mas sim a inserção e contextualização do narrador nos seus diferentes ambientes de interação (país, ideologia, família, profissão), mostrando o seu papel na sociedade e contribuindo para a história da

sua época através do seu testemunho. Esses testemunhos constituem uma espécie de crónica pessoal do devir histórico no qual o sujeito que escreve participou ativa ou passivamente. Segundo Hervot (2013:102), Gusdorf defendeu a existência do «eu», ao contrário de pensadores contemporâneos que negam a singularidade do sujeito (Foucault, Barthes, Lacan), considerando-a representativa de um coletivo do qual o «eu» é apenas um porta-voz.

Na visão de Van Dijck (2007: 55) devemos acrescentar os blogues – bem como os murais e perfis de redes sociais, etc. – como uma nova forma autobiográfica e uma audiência de interação:

«As mediated memories, diaries and lifelogs move along the axes of relational identity and time: they are instruments of self-formation as well as vehicles of connection. They are also tools to record and update the past that simultaneously steer future memory and identity”. “Personal memories, which had been encapsulated within the individual, become transformed through verbal narrative into cultural memory, incorporating a cultural belief system.” A culturally framed autobiographical memory integrates the sociocultural with the personal, and the self that emerges from this process is explicitly and implicitly shaped by its environment’s norms and values» (VAN DIJCK, 2007:3-4).

Assim, o relato biográfico-vivencial de experiências banais e quotidianas e o interesse pelos «momentos biográficos» pode ser incluído no conjunto das narrativas pessoais, e, no âmbito da literatura, nas narrativas ficcionais, nas quais o narrador na primeira pessoa é hoje muito utilizado (VIEGAS, 2008). Arfuch (2014:70) explicita que a justificação para este interesse reside na «[...] importância que ese espacio ha adquirido en relación a las esferas del saber, del conocimiento y del reconocimiento, en todas sus dimensiones: teórica, estética, ética y política²³. Ese registro de la voz – la primera persona, el testimonio – en tanto expresión altamente valorada de la experiencia, tanto individual como colectiva, resulta hoy imprescindible en relación, justamente, con la dimensión sociohistórica de nuestro conflictivo presente». Um presente que Zygamut Bauman (2014) caracteriza pela sua «modernidade líquida» e pelo medo da solidão, do abandono e da exclusão.

Este amplo espaço biográfico permite ainda a criação de novas subjetividades, como a existência virtual, invenções de si e jogos identitários, propícios à fantasia da autocriação e ao desenvolvimento de redes de interlocução e sociabilidade, confirmando a tendência para a existência numa única pessoa de identidades segmentadas e múltiplas nas várias situações de vida e a possibilidade de, dessa forma, integrar diferentes grupos. À noção temporal de sujeito como autoconstrução a partir de uma interioridade – em que se dá destaque à singularidade, à sinceridade e à autenticidade –, sobrepõe-se uma noção espacial, formada por exterioridades, citações e apropriações, fonte de experiências para relatos e autorretratos, ganhando uma dimensão confessional (VIEGAS, 2008; ARFUCH,

²³ Esta abordagem transdisciplinar de uma «teoría sin fronteras» implica, na visão desta autora, o diálogo com a linguística, a psicanálise, a sociologia, a semiótica, a filosofia política, a antropologia, a estética e os estudos culturais, cruzando o biográfico e o memorial, a experiência individual e coletiva, em busca de uma memória histórica.

2010; VAN DIJCK, 2013) e uma identidade digital que persistirá mesmo após a morte. Se considerarmos como Ramos²⁴ (2015) que a identidade digital nas redes sociais é um livro autobiográfico que conta com a participação de todos os indivíduos da lista de amigos (através de comentários e publicações), identificar-se-ão três tipos de contributos que persistirão após a morte biológica:

- «aquilo que eu digo sobre mim»;
- «aquilo que os outros dizem sobre mim»;
- A continuidade da participação no perfil em que cada nova contribuição (publicação, comentário, fotografia, etc.) adicionada formatará a memória coletiva da esfera que a ele acede.

Legado e morte digital

O atual conceito de morte digital e a gestão do seu legado recupera esta dinâmica de memorização e patrimonialização digital, ou seja, o destino a dar aos «bens» digitais pertencentes a uma pessoa e suscetíveis de serem transmitidos às gerações futuras, designadamente: *websites* próprios, contas de *e-mail*, os próprios *e-mails* que as integram, contas *online* para a realização de transações financeiras, contas de diferentes redes sociais, contas para armazenamento de arquivos *online*, e os próprios ficheiros em qualquer formato: coleções de documentos, de fotografias, de vídeos, mas também de músicas e de filmes em *sites* de reprodução desses conteúdos, blogues, *vlogs*, contas em *sites* de leilões, contas que permitem o acesso a coleções de jogos virtuais, além dos próprios jogos.

Em virtude da crescente informatização da sociedade, grande parte das pessoas possui algum tipo de bem virtual, suscetível de constituir um legado digital. Por esta razão deve existir uma gestão dos dados não apenas ao longo da vida, mas também após a morte dos seus detentores. Hoje já existem sistemas de gestão do legado digital que permitem que os seus detentores planeiem antecipadamente o futuro dos seus dados e acervos digitais (ou legado digital) (BELLAMY *et al.*, 2013), integrando, desta forma, a tanatologia (o estudo da morte) nos temas a investigar em Ciência da Informação (JACOBSEN, 2017).

A ferramenta do Google Inactive Account Manager¹ (Google IAM) já permite determinar quem deve ser notificado e quem terá acesso aos dados do dono da conta quando esta ficar inativa por um determinado período de tempo, por exemplo.

O próprio Facebook também permite diferenciar os perfis dos utilizadores falecidos dos perfis dos utilizadores vivos através da aposição da expressão «Em memória» junto ao

²⁴ O autor segue as perspetivas de Brubaker, Hayes e Dourish (2013) sobre a natureza social da morte, quando estudada do ponto de vista dos *media* sociais: a «**perspetiva temporal**», permitindo um novo conceito de expansão cronológica das relações interpessoais; a «**perspetiva espacial**», possibilitando a expansão geográfica e global da rede social e, por último, a «**perspetiva social**», capacitando a expansão dos diferentes contextos nos quais os indivíduos podem interagir e comunicar.

nome da pessoa, encimada pela frase: «Esperamos que as pessoas que gostam de [...] encontrem algum conforto ao visitar o seu perfil, para lembrar e celebrar a sua vida». E permite também nomear o «contacto legado», ou seja, alguém que o utilizador escolhe para gerir a conta depois de falecer. Para o Facebook, as «contas memorial são lugares onde a família e os amigos podem partilhar memórias depois do falecimento de uma pessoa», um ambiente virtual onde familiares e amigos vivem o luto e partilham experiências relacionadas com o falecido. Para além da partilha e da troca de histórias e momentos de vida, fundamentais para manifestar o pesar perante a morte e para fazer o luto, estes obituários *online* permitem ainda, pela interação e dinâmica que geram, a construção de retratos mais plurais.

Antropólogos e outros especialistas antecipam já, face à crescente indiferença em relação ao culto clássico dos mortos – a veneração dos restos mortais, físicos, em cemitérios, campas ou jazigos – que este será postergado, surgindo em seu lugar um novo tipo de «culto funerário» ou de preservação da memória, uma espécie de necrópoles digitais: «monumentos intelectuais», as mnemotecas²⁵, que permitem manter viva a memória de vida dos que morreram²⁶. Um outro aspeto emergente é o estudo da ciberconsciência e a sua ligação à humanidade virtual, à imortalidade digital (JACOBSEN, 2017) e até ao transhumanismo, a transferência da memória entre humanos e máquinas²⁷ (ROTHBLATT, 2016).

O número de perfis «memorializados» poderá, no futuro, ultrapassar o número de perfis dos vivos, levando à «imortalidade digital» (RAMOS, 2015) e levantando novas questões relativamente às problemáticas ligadas à produção de memória.

²⁵ LARCHER, H. (1971) – Mnémothèques pour l'an 2000. *Bulletin de la Société de Thanatologie*. 17, p. 1-17, cit. por GUILLEMOT, 2010:355.

²⁶ Atente-se também às dinâmicas conflitantes entre a preservação da memória desejada e o esquecimento ou apagamento da memória indesejada. A liberdade de expressão, o exercício da pesquisa histórica e jornalística, o direito à informação e à educação e as regras de proteção de dados pessoais têm de se compaginar com o direito individual ao esquecimento. Sobre o direito ao esquecimento, *vd.*: TAMÓ; GEORGE, 2014:71-87, que fazem um ponto de situação desta questão por referência à regulamentação europeia, analisando vários casos particulares em diversos países.

²⁷ Um dos principais autores sobre o transhumanismo, Raymond Kurzweil (2013) qualifica a reprogramação genética como *software da vida*, o que permitiria ampliar a constituição informativa dos genes de cada indivíduo e das suas ligações neuronais, e a sua transformação em informações digitais com o objetivo de assimilar a vida de cada um, ampliando em simultâneo as funções emocionais e cognitivas e o tempo de vida do indivíduo. Esta digitalização do cérebro é defendida por Martine Rothblatt (2016) através da criação e replicação de memórias e emoções que prescindam do corpo, constituindo a «ciberconsciência», envolvendo o desenvolvimento de um *software* poderoso chamado *mindware* (ou *software* mental), que ativará um arquivo digital de sentimentos, pensamentos e recordações denominado *mindfile* (ou arquivo mental), que operará um *mindclone* (ou clone mental). Trata-se, segundo a autora, da criação de seres virtuais intelectual e emocionalmente vivos.

A tradição dos obituários

O obituário²⁸ é um texto que relata a história pública e privada de um indivíduo, expressa também os valores coletivos, sendo frequentemente representativo de uma época. Magdalena Szczyrbak (2014) destaca a evolução dos registos da morte e da memória, enquanto expressão de uma «retórica social», dos *media* tradicionais para as múltiplas plataformas *online*, capazes de produzir novas formas de celebração da morte e da memória, que se mantêm enquanto existir a necessidade de partilhar o desgosto e a perda.

Os obituários são textos mais extensos e analíticos do que as meras notícias necrológicas, funerárias ou mortuárias, materializadas sob a forma de anúncios publicados pelos jornais, pela família ou pela casa funerária, e que constituem apenas um aviso – comunicam dia, hora e local das exéquias ou dos eventos fúnebres – ou tributo lacónico em memória do falecido. Há casos mistos entre o obituário e a notícia necrológica.

Tratando-se de personalidades públicas, jornais e revistas têm, muitas vezes, obituários pré-escritos, que aguardam apenas a morte do homenageado para serem atualizados – com causa da morte, lugar, etc. –, de forma a que, em tempo recorde, sejam publicados obituários detalhados. Há inclusive organizações que se dedicam à produção deste tipo de «produtos» e que depois os vendem. Apesar de póstumos, são por vezes acidental ou intencionalmente publicados ainda em vida, devido a confusões entre pessoas com nomes semelhantes ou a informações erróneas acerca da sua morte.

De forma a deixar um registo de vida e perpetuar a memória, há setores e publicações, como o *British Medical Journal*, que incentivam os seus membros a escrever os seus próprios obituários para serem publicados após a sua própria morte.

A atual tradição portuguesa no que respeita a obituários e notícias necrológicas é pobre, contrariamente ao que se passa nos países anglófonos²⁹. No jornalismo nacional de

²⁸ A antecede-lo mas com ele coexistindo, dois outros géneros cumprem também o papel de lembrança da vida após a morte: o **epitáfio**, a **inscrição lapidar**, podendo conter citações de textos literários ou do falecido, e a **elogia**, discurso elogioso efetuado no momento fúnebre, a cargo de parentes e amigos (MORAIS, 2017), e que são geralmente acompanhados por outras práticas mortuárias discursivas, tais como as **missas** e os **velórios** (SANTANA, 2011). A notícia de falecimento e a nota de pesar não devem ser confundidas com os obituários que organizações ligadas à pessoa falecida costumam fazer. Todas estas práticas são suscetíveis de ser analisadas nas suas relações intertextuais e discursivas. Uma das análises utilizada é a da «retórica de intensificação», enquanto estratégia discursiva legitimadora de papéis sociais, designadamente na atual fase de memorialização virtual (SANTANA, 2011).

²⁹ O mesmo se passa relativamente às biografias, género bastante desprezado entre nós, e que ultimamente tem vindo a ser paulatinamente resgatado. É provável, sobretudo no último meio século, que a influência de alguma historiografia de pendor marxista e da Escola dos *Annales*, privilegiando os movimentos de longa duração, os movimentos da «estrutura», em detrimento dos movimentos de curta duração, dos eventos concretos, da «conjuntura», a história dos povos em detrimento das histórias dos grandes homens, dos grandes líderes, tenham tido nisso alguma influência. Ao contrário, a maior tradição biográfica nos Estados Unidos, por exemplo, é provável que possa advir do ideal do *self made man* que concretiza o «sonho americano», afirmando o primado do individual sobre o coletivo. Registe-se que é comum nos EUA a reunião em livro de um conjunto de obituários, tal qual se faz por cá com as crónicas ou colunas de opinião. O *The Times*, por exemplo, através do seu editor Ian Brunskill, publicou em 2005, na Harper Collins Publishers, o volume *The Times great*

referência são vistos como um género secundário e, tirando personalidades de grande notoriedade pública, outros, quando existem, são muitas vezes entregues a jornalistas estagiários ou jornalistas juniores.

Dos jornais de referência e das revistas de grande informação, o *Expresso* é, porventura, o único que mantém de forma mais vincada a tradição obituária, ao manter semanalmente de há muito e de forma ininterrupta uma secção – a coluna «In memoriam» – em que é feito um obituário de uma personalidade de reconhecida notoriedade pública. Essa coluna é complementada, num espaço adjacente designado justamente «Obituário», com várias referências curtas a mortes ocorridas recentemente. Da responsabilidade do embaixador José Cutileiro, ambos ocupam cerca de meia página do caderno principal do jornal. Também a revista de grande informação *Sábado* mantém regularmente uma coluna igualmente designada «Obituário». Com menos regularidade, o jornal *i* também dedica, por vezes, uma página que designa de «Obituário». E, ainda que em moldes diferentes, o *Público* mantém *online* uma secção designada «Obituário»³⁰.

É, porém, a imprensa regional que, ao noticiar mortes, nascimentos, conclusões de curso, e outros momentos marcantes da vida dos seus habitantes, mantém mais viva essa tradição que de alguma forma aproxima os locais e os naturais na «diáspora» das «perdas» e «ganhos» da respetiva comunidade.

Registe-se, contudo, que, apesar de relegados para um subgénero, os obituários são peças estilisticamente mais complexas do que as notícias. Além da base informativa-jornalística – que pode implicar pesquisa, entrevista, verificação dos factos, bem o exercício de algum contraditório, de modo a enfatizar o lado luminoso do homenageado sem obliterar o lado de sombra do «biografado»³¹ – a redação de um obituário comporta alguma «arte». Além do estilo jornalístico exige também um estilo literário ou para-literário, aproximando aqui o jornalista do escritor de não-ficção, ou seja, de alguém que seja capaz de contar uma história. Por estas características, o obituário digamos que permanece parcialmente à margem do estilo jornalístico, fugindo em parte às regras de arte.

A especificidade deste género jornalístico-literário levou mesmo, em 1999, à criação de uma associação de escritores de obituários, a International Association of Obituarists (IAO), fundada por Carolyn Gilbert³², que esteve na génese de várias conferências internacionais de escritores de obituários, e da disponibilização de obituários em *podcasts*, para os

lives: a century in obituaries, que reúne um conjunto de 124 obituários publicados no jornal entre 1916 e 2005 (vd. VIEIRA, 2014:122).

³⁰ Disponível em: <https://www.publico.pt/obituario>.

³¹ Isto apesar do tom marcadamente panegírico dos obituários. Como refere João Rodolfo Munhoz Ohara (2016), cit. Eliecer Crespo Fernández (2006) – The language of death: euphemism and conceptual metaphorization in Victorian obituaries. *SKY Journal of Linguistics*. Helsinki. 19, p. 101-130: «segundo a máxima latina, não se deve falar mal dos mortos. Àqueles que agora descansam o sono eterno, dediquemos apenas palavras serenas, positivas, elogiosas. E essa tem sido a tradição formal dos obituários no Ocidente: textos nos quais se exaltam as características louváveis do personagem homenageado, e nos quais seus defeitos são mitigados e expressos com uso de eufemismos».

³² Vd., entre outros, o blogue: *Carolyn Gilbert's art of the obituary*. Disponível em: <http://carolyngilbertsartoftheobituary.blogspot.pt/> e ainda a entrada: The obituary as literary artform, publicada em: *Dictionary of literary biography*.

aficionados do género, aparentando-os, de algum modo, às biografias. Como refere Willian Vieira, «o obituário se encontra numa confluência epistemológica complexa: é um texto (e um conjunto de textos, um género) atravessado por especificidades formais – veiculado na imprensa, é jornalístico; mas também biográfico e faz uso de formas ficcionais suscitando uma discussão sobre tipos de discurso, índices de veracidade e efeitos reais» (VIEIRA, 2014:9).

Por serem escritos no momento do óbito ou pouco tempo depois são tendencialmente mais marcados pelos sentimentos de pesar e luto que a morte gerou nos familiares, amigos e/ou no meio social, tendendo a ir ao encontro do sentir coletivo e, como tal, a ser mais enfáticos e menos asséticos do que as biografias. Deyvid Santos Morais (2017) explicita que «os obituários geralmente apelam para estratégias discursivas de emoção, clímax e legado daquele que falece» (MORAIS, 2017:24), acrescentando que «o obituário contemporâneo relaciona anseios de uma sociedade e reflete o lugar social da morte em questão» (*idem, ibidem*).

A profissionalização da escrita de obituários comporta também riscos, um dos quais é a prevalência da forma sobre o conteúdo. Tal como referem Bill Bytheway e Julia Johnson, «one of the consequences of a trend towards informality and the improved quality of the writing is that increasingly obituaries are included more because of the skills of the obituarist than because of the achievements or significance of the deceased» (BYTHEWAY; JOHNSON, 1996, 1,2:221).

Acresce que os obituários familiares ou institucionais, ao serem geralmente entregues a membros da família ou colegas/amigos do falecido, tal conduz a práticas de valorização, existindo, por isso, algum condicionamento da análise. Relativamente aos obituários académicos, Julian Hamann, citando Bourdieu, refere: «authors of obituaries usually have a special relationship to the deceased, who might have been a friend, a pupil or a close colleague. This relationship is reflected in being deemed an appropriate spokesperson to judge the decedent in the name of the group (BOURDIEU, 1988:213)» (HAMANN, 2016 56:8), comparando-os mesmo às cartas de recomendação.

A não-tradição dos obituários na profissão I-D

Acompanhando o sentir social mais vasto, profissionalmente, na área de Informação-Documentação, as principais publicações de referência, *Cadernos BAD* e *Páginas a&b*, não têm tal tradição. Antes delas, porém, os extintos *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, ainda que de forma também não muito pujante, registavam alguma (*vd.* Quadro 1³³).

³³ De entre estes, recorde-se o texto notável de Raul Proença sobre um não menos notável bibliotecário da Biblioteca Nacional: José António Moniz, conservador da secção de manuscritos; ou, com um cariz misto, oscilando entre o registo biográfico (texto diferido no tempo) e o obituário (texto escrito num momento imediatamente após a morte), os textos das secções: *Bibliotecários e Bibliotecónomos* e *Bibliófilos e Bibliógrafos*, constantes da segunda série da revista.

Quadro 1 – Artigos de natureza memorialística dedicados a profissionais e afins publicados nos *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal* (1912-1949)*

Título	Autor	Localização	Tipologia³⁴
<i>José António Moniz</i>	Raul Proença	Vol. 3, n.º 10-11 (jan.-abr. 1917), p. 20-25	Obituário
<i>Um bibliotecário português dos meados do século XIX, Manuel Rodrigues da Silva e Abreu: um bibliotecário de Braga</i>	Raul Proença	Série 2, n.º 1 (jan.-mar. 1920), p. 43-47	Biografia
<i>Silvestre Pinheiro Ferreira: escritor de biblioteconomia</i>	Raul Proença	Série 2, n.º 7 (jul.-out. 1921), p. 242-247	Biografia
<i>O Cardeal Saraiva como guardamór da Torre do Tombo</i>	António Baião	Série 2, n.º 29-32 (jan.-dez. 1927), p. 39-48	Biografia
<i>O Guarda-mór Damião de Góis e alguns serviços da Torre do Tombo no seu tempo</i>	António Baião	Série 2, n.º 33-34 (jan.-jun. 1931), p. 8-20	Biografia
<i>Francisco de Andrade, guardamór ou superintendente da Torre do Tombo</i>	Jordão de Freitas	Série 2, n.º 33-34 (jan.-jun. 1931), p. 34-41	Biografia
<i>Manuel da Maia como guarda-mór da Torre do Tombo</i>	António Baião	Série 2, n.º 63-64 (1942), p. 80-86	Biografia-Bibliografia

*Vol. 1, n.º 1 (out. 1914)-vol. 3, n.º 10/11 (abr. 1917)

BNP B.A.D. 1507 V.

Série 2, Vol. 1, n.º 1 (mar. 1920)-vol. 21, n.º 77/78 (1949)

BNP B.A.D. 1510 V.

Sublinhe-se que nos países onde a tradição dos obituários é cultivada, eles podem até ajudar a quebrar estereótipos arraigados na sociedade. Num artigo que analisa os obituários de bibliotecários publicados, entre 1977 e 2002, no influente *New York Times*, Juris Dilevko e Lisa Gottlieb (2004) referem o contributo dos obituários para desfazer os estereótipos ligados à imagem dos profissionais: *far from creating a stereotypical portrait*

³⁴ Nesta categorização considerámos três géneros:

Obituário – texto com intuito marcadamente celebratório, publicado na data da morte do biografado ou em momento não muito posterior.

Biografias – texto com intuito marcadamente celebratório, publicado em momento muito posterior à morte do biografado e tendo essencialmente o mesmo como foco.

Biografia-Bibliografia – texto com intuito marcadamente celebratório, publicado em momento muito posterior à morte do biografado, tendo como foco o mesmo, a sua obra e o seu desempenho profissional.

of librarians as shy, dour, dowdy, and sheltered individuals, the emphasis on large-scale achievements in the obituaries produces an image of librarianship as a glamorous profession. Some librarians are presented as sleuths and detectives who amassed large collections. They contributed to the progress of scholarly research with extensive publications. Many others had connections to prominent people, making the most of these social networks in their work. Librarians were also players on the global stage, founding libraries abroad and developing international guidelines that led to institutional progress. Emphasis on large-scale accomplishment, however, tends to obscure the contributions of librarians who daily perform countless small and caring acts that, summed together, positively affect the lives of ordinary individuals (DILEVKO; GOTTLIEB, 2004-74(2):152; vd. também 173).

Considerações finais

À pergunta «será que a profissão I-D tem sabido criar memória e dar a devida atenção à sua memória coletiva?» só é ainda possível responder com evidências negativas: a ausência de teorização de práticas de memória em contextos profissionais é acompanhada pela escassez de obituários na profissão e pela ausência de análise dos discursos e das narrativas memorialistas.

Como se recorda na profissão? As memórias existentes são fragmentárias e não são registadas e menos ainda sistematizadas tendo por base a memória de cada uma das gerações. Na profissão não é ainda dado especial valor à partilha da memória intergeracional, predominando a memória intrageracional.

A história da profissão possui até agora uma forte ligação à memória das instituições (bibliotecas, arquivos, museus), sendo pouco conhecida a história dos profissionais e pouco valorizados os seus testemunhos, as suas autobiografias, as suas biografias. Para além do microcosmos profissional, os seus membros são também pouco reconhecidos socialmente, existindo poucos profissionais condecorados³⁵ (OCHÔA; BARATA, 2018).

Há, portanto, muitas lacunas que fragilizam os fundamentos da profissão e, juntamente com estes, o seu futuro, pelo que se justifica o interesse e a oportunidade de desenvolvimento de uma estratégia assente nas práticas de utilização do espaço biográfico enquanto forma de luta contra o esquecimento dos profissionais.

As memórias pessoais partilhadas digitalmente, a valorização das autobiografias, assim como as interpretações e os contributos que uma memória relacional e em rede, com naturais repercussões nas formas de recolher, analisar e investigar estas memórias,

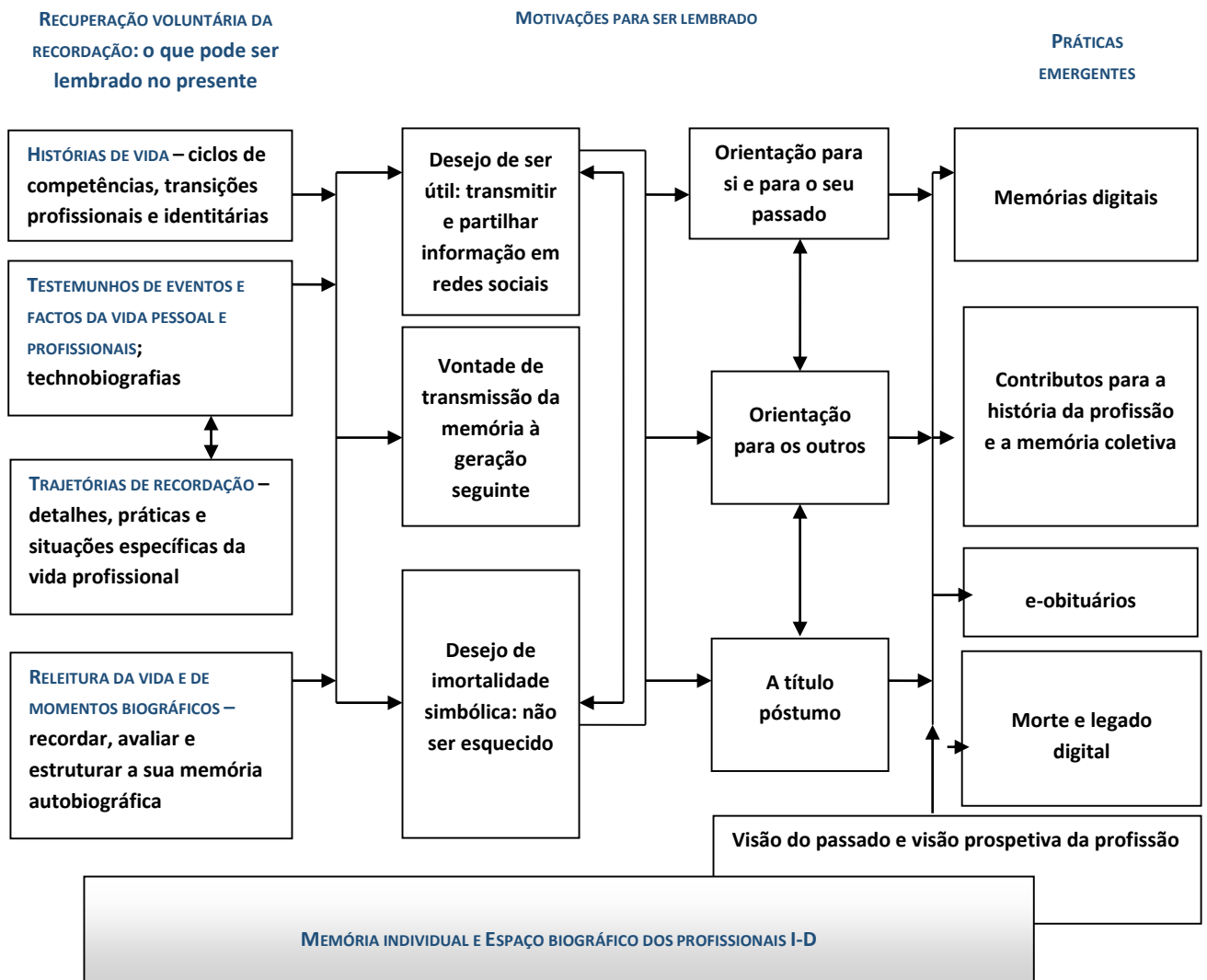
³⁵ Recentemente, numa formação sobre *wikimedia* realizada na Biblioteca Nacional de Portugal, o formador gizou como exercício formativo a criação das entradas referentes ao «Prémio Raul Proença» e aos respetivos premiados, mas desistiu, porque apenas encontrou referências ao Prémio na página da BAD e nos *Cadernos BAD*, e a Wikipédia – para evitar a instrumentalização da enciclopédia – «obriga» à existência de pelo menos uma fonte independente, facto que demonstra à saciedade a inexistência de impacto social do Prémio.

poderão dar à história da profissão e à sua transmissão às novas gerações, constituem aspetos a valorizar no que se refere à memória profissional.

Uma estratégia de criação de memória permitiria igualmente acompanhar a dupla tendência de criação não institucional de memoriais, e de democratização do processo de criação e gestão da memória coletiva num processo evolutivo, moldando a sua forma e conteúdo pela participação efetiva dos profissionais.

Em jeito de conclusão final, a figura seguinte sistematiza as formas e as motivações de registo da memória individual, bem como a possibilidade e o direito dos profissionais a serem lembrados:

Figura 1 – Memória individual e espaço biográfico dos profissionais I-D



Referências bibliográficas

ARFUCH, L.

2014 (Auto)biografia, memória e história. *Clepsidra: revista interdisciplinária de Estudos sobre Memória*. 1 (mar. 2014) 68-81.

ARFUCH, L.

2010 *O Espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ASSMANN, J.

1995 Collective memory and cultural identity. *New German Critique*. 65 (1995) 125-133.

ASSMANN, A.; CONRAD, S., ed.

2010 *Memory in a global age: discourses, practices and trajectories*. London: Palgrave Macmillan, 2010.

BARATA, A.; RAFAEL, G.; OCHÔA, P.

2012 Planeamento e (auto) avaliação de trajetórias profissionais: tópicos para uma discussão. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 11^o, Lisboa, 2012 - *Integração, acesso e valor social: atas*. [Em linha]. Lisboa: BAD, 2012. Disponível em: <http://www.bad.pt/publicacoes...303>.

BARATA, P. J. S.; OCHÔA, P.

2015 Profissionais de informação-documentação a caminho da invisibilidade: uma reflexão a partir da análise de cargos de direção intermédia na Administração Central do Estado. *Cadernos BAD*. 1 (2015) 7-22.

BARATA, P. J. S.; OCHÔA, P.

2016 Prémio Raul Proença: balanço retrospectivo do mérito e do reconhecimento na profissão de Informação-Documentação (I-D). *Cadernos BAD*. 1 (2016) 173-186.

BARRULAS, M. J.; CORREIA, A. M. R.; WILSON, T. D.

1989 Information intermediaries for industry in Portugal: a training programme and its impact. *Education for Information*. 7: 4 (1989) 313-323.

BAUDRILLARD, J.

1994 *The Illusion of the end*. Palo Alto: Stanford University Press, 1994.

BAUMAN, Z.

2014 Preface. In ROBSON, Garry; ZACHARA, Malgorzata, ed. – *Digital diversities: social media and intercultural experience*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. ix-xv.

BECK, U.; LEVY, D.; SZNAIDER, N.

2009 Cosmopolitanization of memory: the politics of forgiveness and restitution. In NOWICKA, Magdalena; ROVISCO, Maria – *Cosmopolitanism in practice*. London: Ashgate, 2009, p. 111-127.

BECKER, E.

1973 *The Denial of death*. New York: Simon & Schuster, 1973.

BELLAMY, C. [et al.]

2013 *Death and the Internet: consumer issues for planning and managing digital legacies*. Melbourne: University of Melbourne, 2013.

BERNTSEN, D.; BOHN, A.

2010 Remembering and forecasting: the relation between autobiographical memory and episodic future thinking. *Memory & Cognition*. [Em linha]. 38: 3 (2010) 265-278. Disponível em: <https://doi.org/10.3758/MC.38.3.265>.

BERTAUX, D.

1997 *Le Récit de vie*. Paris: Armand Colin, 1997.

BYTHEWAY, B.; JOHNSON, J.

1996 Valuing lives?: obituaries and the life course. *Mortality*. 1: 2 (1996) 221.

BOURDIEU P.

1986 L'Illusion biographique. In *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 62-63 (1986).

BRAGA, M. I. P.

2006 O Processo de Bolonha e a inevitável mudança na área da Ciência da Informação. *Cadernos BAD*. [Em linha]. 1 (2006) 56-67. Disponível em: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/viewFile/803/802>.

BRESCÓ, I.

2017 The End into the beginning: prolepsis and the reconstruction of the collective past. *Culture & Psychology*. 23:2 (2017).

BRUBAKER, J. R.; HAYES, G. R.

2011 We will never forget you: an empirical investigation of post-mortem myspace comments. In *Proceedings of Computer Supported Cooperative Work CSCW 2011*. Hangzhou, China, 19-23 March 2011. [Em linha]. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1958843>.

BRUBAKER, J. R.; HAYES, G.; DOURISH, P.

2013 Beyond the grave: Facebook as a site for the expansion of death and mourning. *The Information Society: an international journal*. 29:3 (2013) 152-163.

CALIXTO, J. A.

2008 A Investigação em Portugal na área da documentação-informação. In ENCUESTRO IBÉRICO DE DOCENTES E INVESTIGADORES EN INFORMACIÓN Y DOCUMENTACIÓN, 3º, Salamanca, 2008 – *Formación, investigación y mercado laboral en información y documentación en España y Portugal*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2008, p. 619-636.

CAMARERO, J.

2008 La Théorie de l'autobiographie de Georges Gusdorf. *Cedille: revista de estudios franceses*. 4 (abr. 2008) 57-82.

CAMPOS, J. F. G.

2014 *Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo*. São Paulo, 2014.
Dissertação de Mestrado em História, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CAMPOS, J. F. G., coord.

2017 *Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas*. S. Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2017.

CARDOSO, S. I. P.

2014 *Óculos, coque e Shhh!: um olhar sobre a autoimagem e o estereótipo do bibliotecário em Portugal*. [Em linha]. 2014.

Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas apresentada à Universidade Portucalense. Disponível em:

<http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/722/1/TMEB%2027.pdf>.

CARROLL, E.; ROMANO, J.

2011 *Your digital afterlife*. Berkeley: New Riders, 2011.

CROWNSHAW, RICK, ed.

2011 Transcultural memory. *Parallax*. Special issue, 17: 4 (2011).

DAMÁSIO, A.

2003 *Ao encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir*. 2.^a ed. Lisboa: Publicações Europa-América. 2003.

DAVID, G.; AZEVEDO, A. G.; RIBEIRO, F.

2008 Dez anos de um curso em gestão de informação na U. Porto: lições aprendidas e caminho futuro. In ENCUESTRO IBÉRICO DE DOCENTES E INVESTIGADORES EN INFORMACIÓN Y DOCUMENTACION, 3^o, Salamanca, 2008 – *Formación, investigación y mercado laboral en información y documentación en España y Portugal*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2008, p. 225-241.

DERRIDA, J.

1994 *Spectres of Marx*. London: Routledge, 1994.

DILEVKO, J.; GOTTLIEB, L.

2004 The Portrayal of librarians in obituaries at the end of the twentieth century. *Library Quarterly*. 74:2 (2004) 152-180.

DOSSE, F.

2009 *O Desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

ERLL, A.

2016 Roundtable discussion challenges and new directions in cultural memory studies? In *Symposium New Directions and Challenges in Cultural Memory Studies: past, present, future*. Giessen: Justus-Liebig-Universität, 2016.

ERLL, A.

2011 Travelling memory. *Transcultural Memory. Parallax*. Special issue, ed. Rick Crownshaw. 17:4 (2011) 4-18.

ERLL, A.; RIGNEY, A., ed.

2009 *Mediation, remediation and the dynamics of cultural memory*. Berlin: De Gruyter, 2009.

ESCOBEDO, J.

2006 Los Caminos de la memoria: archivos personales. In SEMINARIO DE ARCHIVOS PERSONALES, Madrid, 26 a 28 de mayo de 2004. Madrid: Biblioteca Nacional, 2006, p. 55-79.

FERRAROTTI, F.

1990 *Time, memory and society*. New York: Greenwood Press, 1990.

FERRAROTTI, F.

1988 Sobre a autonomia do método biográfico. In NÓVOA, António; FINGER, Matthias, org. – *O Método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde; Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 17-34.

FOWLER, B.

2007 *The Obituary as collective memory*. New York: Routledge, 2007.

FOWLER, B.

2005 Collective memory and forgetting: components for a study of obituaries. *Theory, Culture & Society*. 22:6 (2005) 53-72.

FUKUYAMA, F.

1992 *The End of history and the last man*. London: Hamish Hamilton, 1992.

GARDE-HANSEN, J.; HOSKINS, A.; READING, A., ed.

2009 *Save as... digital memories*. London: Palgrave Macmillan, 2009.

GIBBS, M. [et al.]

2012 Tombstones, uncanny monuments and epic quests: memorials in world of warcraft. *Game Studies*. [Em linha]. 12:1 (2012). Disponível em: http://gamestudies.org/1201/articles/gibbs_martin.

GUÉRIOS, P. R.

2011 O Estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. *Campos: revista de Antropologia Social*. 12:1 (jun. 2011).

GUILLEMOT, S.

2010 *Les Motivations des personnes âgées au récit de vie et leurs influences sur la consommation de services biographiques : gestion et management*. [Em linha]. Brest: Université de Bretagne occidentale, 2010. Disponível em: https://tel.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/542744/filename/THESE_S_GUILLEMOT.pdf.

GUSDORF, G.

1990a *Les Écritures du moi: lignes de vie 1*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1990.

GUSDORF, G.

1990b *Auto-biographie: lignes de vie 2*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1990.

GUSDORF, G.

1990c L'Autobiographie, échelle individuelle du temps. *Bulletin de Psychologie*. 397:43 (1990) 831-846.

HALBWACHS, M.

1990 *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, M.

1950 *La Mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

HAMANN, J.

2016 Let us salute one of our kind: how academic obituaries consecrate research biographies. *Poetics*. 56 (2016) 1-14.

HARTLEY, L. P.

1953 *The Go between*. London: Hamish Hamilton, 1953.

HERVOT, B. M.

2013 Georges Gusdorf e a autobiografia. *Lettres françaises*. p. 95-110.

HIRSCH, Marianne

1997 *Family frames: photography, narrative, and postmemory*. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1997.

HJERPPE, R.

1994 A Framework for the description of generalized documents. *Advances in Knowledge Organization*. 4 (1994) 173-180.

HOCKEY, J.; KOMAROMY, C.; WOODTHORPE, K.

2010 *The Matter of death: space, place and materiality*. London: Palgrave MacMillan, 2010.

HOSKINS, A.

2016 Memory ecologies. *Memory Studies*. 9: 3 (2016) 348-357.

HUYSEN, A.

2000 Present pasts: media, politics, amnesia. *Public Culture*. 12:1 (2000) 21-38.

JACOBSEN, M. H.

2017 *Postmortal society: towards a sociology of immortality*. London: Routledge, 2017.

KALEEM, J.

2012 Death on Facebook now common as 'Dead Profiles' create vast virtual cemetery'. *Huffington Post*. 7 (Dec. 2012).

KURZWELL, R.

2013 How to make a mind. *The Futurista*. (Mar.-Apr. 2013) 14-17.

LANDSBERG, A.

2004 *Prosthetic memory: the transformation of American remembrance in the age of mass culture*. New York: Columbia University Press, 2004.

LE GOFF, J.

1994 *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1994.

LEJEUNE, P.

1980 *Je est un autre: l'autobiographie de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980.

LEJEUNE, P.

1975 *Le Pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

LEVY, D.; SZNAIDER, N.

2002 Memory unbound: the Holocaust and the formation of cosmopolitan memory. *European Journal of Social Theory*. 5:1 (2002) 87-106.

MACFARLANE, B.; CHAN, R. Y.

2014 The Last judgement: exploring intellectual leadership in higher education through academic obituaries. *Studies in Higher Education*. 39:2 (2014) 294-306.

MARCOS, I. M.

2015 *A Gestão da carreira dos profissionais da informação em Portugal: estudo sobre as trajetórias laborais e perceções da profissão dos graduados da licenciatura em Ciências da Informação e Documentação da Universidade Aberta: cursos de 2007 a 2009*. Lisboa, 2015.

Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Alcalá de Henares, 2015.
Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/4828>.

MARQUES, M. B.

2016 O Paradigma formativo do arquivista em Portugal. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. 29 (2016) 323-346.

MATOS, S. C.

2012 Sobre o Dicionário de historiadores portugueses: da fundação da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo: 1779-1974. *Ler História*. [Em linha]. 63 (2012).
Disponível em: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/418>.

MILLAR, L.

2006 Touchstones: considering the relationship between memory and archives. *Archivaria*. 61 (Spring 2006) 105-126.

MORAIS, D. S.

2017 *Vidas contadas: as biografias nos obituários de um jornal local*. 2017.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

MORENO, E. A. [et al.]

2014 *Digital memories: ethical perspectives: summary report on the workshop held at JRC Ispra, Italy 16th-17th January 2014*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2014. DOI: <https://doi.org/10.2788/8472>.

NORA, P.

1993 Entre memória e História. *Projeto História*. 10 (dez. 1993) 7-28.

NORA, P., ed.

1987 *Essais d'ego-histoire*. Paris: Gallimard, 1987.

NÓVOA, A.

1992 *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

OCHÔA, P.

2014 «Para uma perspetiva intergeracional das carreiras e das competências em Portugal: análise da profissão de bibliotecário». *Páginas a&b*, S. 2, n.º 10, p. 7-75.

OCHÔA, P.

2012 *Transições profissionais na sociedade de informação, percursos identitários e ciclos de competências de bibliotecários portugueses: 1973-2010*. [Em linha]. 2012.

Tese doutoramento - Universidad de Alcalá (Espanha). Disponível em: <http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/17109/TESIS%20PAULA%20OCHOA.pdf?sequence=1>.

OCHÔA, P.; BARATA, P. J. S.

2017 Reconhecimento, reputação e capital simbólico na profissão de informação-documentação (I-D): a investigação necessária. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*. [Em linha]. 3ª série. 8 (2017) 3-11.
Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/3331>.

OCHÔA, P.; BARATA, P. J. S.

2010 Avaliar o desempenho e gerir a carreira numa fase de turbulência: o caso dos profissionais de informação-documentação em organizações públicas. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 10º, Guimarães, 2010 – *Atas*. [Em linha]. Disponível em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/187>.

OCHÔA, P.; MOSCOSO CASTRO, P.

2012 Da coesão à convergência: contributos para o estudo das dinâmicas profissionais (1973-2010). In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 11º, Lisboa, 2012 – *Atas*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/301>.

OCHÔA, P.; PINTO, L.G.

2017 *Strategies, competencies and transitions roles in a digital transformational labour market*. 2017.
Paper presented at: IFLA WLIC 2017, Wrocław, Poland – *Libraries, Solidarity, Society*. Session 187 – *Library theory and research with new professionals Special Interest Group*. Disponível em: <http://library.ifla.org/1831/1/187-ochoa-en.pdf>.

OCHÔA, P.; PINTO, L. G.

2014 Moments of obsolescence competences and career life cycles revisited through information society policies. *International Journal of Advances in Management Science*. 3:3 (2014) 79-87.

OCHÔA, P.; PINTO, L. G.

2009 Career, skills and dilemmas. In VARLEJS, J.; WALTON, G., ed. – *Strategies for regenerating the library and information profession*. München: K. G. Saur, 2009, p. 342-354.

OLIVEIRA, S. [et al.]

2013 Uma Análise bibliométrica do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas: 1985-2012. *Cadernos BAD*. 1-2 (2013) 22-38.

PEIXOTO, J.

1966 O Bibliotecário-arquivista no quadro do pessoal técnico do Estado e da Administração Central: relatório. In ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS PORTUGUESES, 1º, Coimbra, 1965 – *Atas*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1966, p. 399-427.

PEREIRA, J. P.

2017 Mas qual é o mal do passado? *Público*. (9 dez. 2017) 44.

PERICÃO, G. [et al.]

1984 Subsídio para a história de Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação. *Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação*. 1 (1984) 5-63.

PINEAU, G.

1988 A Autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In NÓVOA, António; FINGER, Matthias, org. – *O Método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento dos Recursos Humanos da Saúde, Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988, p. 63-77.

PINO, M. M.

1996 10º Aniversário do curso de especialização em Ciências Documentais. In *Formação profissional na área BAD: mesa-redonda organizada pelo Curso de Especialização em Ciências Documentais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 6 jul. 1995*. Porto: FLUP, 1996, p. 61-64. Disponível em: <http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/>

PINTO, A. [et al.]

2015 A Colaboração e disseminação de informação como alavanca de mudança em CI: o Observatório de Ciência da Informação da U. Porto. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 12º Évora, 2015 – *Ligar, transformar, criar valor : atas*. [Em linha]. 2015. Disponível em: https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/viewFile/1409/pdf_86.

PINTO, L. G.; OCHÔA, P., coord.

2006 *A Imagem das competências dos profissionais de informação-documentação: relatório*. [Em linha]. Lisboa: INCITE, 2006. Disponível em: <http://apdis.pt/download/REL%20ID%202006.pdf>.

PINTO, M. M. G. A.

2017 Gestão da informação: para um mapeamento de abordagens e perspetivas. *Páginas a&b : arquivos e bibliotecas*. [Em linha]. 3ª série. N.º especial (2017) 144-157. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasaeb/article/view/2661>.

PINTO, M. M. G. A.

2008 A Formação em informação e documentação: Portugal na contemporaneidade. *Páginas a&b : arquivos e bibliotecas*. 2ª série. 2 (2008) 7-62.

POLLAK, M.

1989 Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. 2:3 (1989).

QUINN, M. E.

2014 *Historical dictionary of librarianship*. Lanham: Rowman & Littlefield Publ., 2014.

RAMOS, H.

2015 Além-túmulo no Facebook: vida após a morte e luto na era digital. (*OBS**) *Observatorio*. 9:4 (2015) 31-50.

RAYWARD, W.B.

2014 Information revolutions, the information society, and the future of the history of information science. *Library Trends*. 62:3 (2014). *Essays in Honor of W. Boyd Rayward. Part 2*, ed. by Alistair Black and Charles van den Heuvel, p. 681-713.

RAYWARD, W. B.

2004 When and why is a pioneer: history and heritage in library and information science. *Library Trends*. 52:4 (2004) 671-682.

RIBEIRO, F.

2013 Una Archivística en la era post-custodial: reflexiones sobre un cambio del paradigma en curso. *Boletín Ciencias de la Información*. 2 (2013) 77-82.

RIBEIRO, F.

2005a Formação e mercado de trabalho em Informação e Documentação em Portugal. In: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11111.pdf>.
Texto da comunicação apresentada ao “VI Colóquio Internacional de Ciências de la Documentación - Convergencia europea, formación y mercado laboral en información y documentación” (Salamanca, Facultad de Traducción y Documentación - Universidad de Salamanca, 26 a 28 de outubro de 2005).

RIBEIRO, F.

2005b Gestão da informação. Preservação da memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário? In MESA-REDONDA DE PRIMAVERA DO PORTO, 2005 – *Conservar para quê?*. [Em linha]. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10043.pdf>.

RIBEIRO, F.

2005c Organizar e representar informação: apenas um meio para viabilizar o acesso? *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. 4 (2005) 83-100.

RIBEIRO, F.

2005d O Perfil profissional do arquivista na sociedade da informação. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 45:1 (2005) 49-57. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8871.PDF>.

RIBEIRO, F.

2004 Informação: um campo uno, profissões diversas? In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8º, Estoril, 2004 - *Nas encruzilhadas da Informação e da Cultura: (re)inventar a profissão : atas*. [Em linha]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4181.pdf>.

RIBEIRO, F.

2002a Da Arquivística técnica à Arquivística científica: a mudança de paradigma. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Série 1, vol. 1 (2002) 97-110.

RIBEIRO, F.

2002b O Desafio da formação profissional: novo paradigma, novo modelo formativo. In CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 1.º, São Paulo, 2002 - *Integrar: textos*. Org. FEBAB - Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições. [Em linha]. São Paulo : Imprensa Oficial, 2002, p. 419-440. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1241.pdf>.

RIBEIRO, F.; LEITE, J.; CERVEIRA, E.

2004 Memória do Curso de Especialização em Ciências Documentais: 1985-2003. In *Homenagem ao Professor Doutor José Marques*. Porto: Universidade do Porto, 2004, p. 209-252.

RICOEUR, P.

2000 *La Mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

ROBERTS, P.

1999 Tangible sorrow, virtual tributes: cemeteries in cyberspace. In VRIES, B. de, ed. – *End of life issues: interdisciplinary and multidimensional perspectives*. New York: Springer, 1999, p. 337-358.

RODRIGUES, J. M.

2012 Sebentas de história da arquitectura moderna: um projecto de ensino de história de arquitectura. *Joelho : revista de cultura arquitectónica*. [Em linha]. 3 (abr. 2012) 91-101. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/37321>.

ROTHBERG, M.

2009 *Multidirectional memory: remembering the Holocaust in the age of decolonization*. Stanford: Stanford UP, 2009.

ROTHBLATT, M.

2016 *Virtualmente humanos: as promessas - e os perigos - da imortalidade digital*. São Paulo: Cultrix, 2016.

SAINT-LAURENT, C.

2017a Memory acts: a theory for the study of collective memory in everyday life. *Journal of Constructivist Psychology*. (2017) 1-15.

SAINT-LAURENT, C.

2017b Personal trajectories, collective memories: remembering and the life course. *Culture & Psychology*. 23:2 (2017) 263-279.

SAINT-LAURENT, C.

2017c Thinking through time: from collective memories to collective futures. In SAINT-LAURENT, C.; OBRADOVIC, S.; CARRIERE, K., ed. – *Imagining collective futures: perspectives from social, cultural and political psychology*. London: Palgrave Macmillan, 2017.

SANTANA, F. J. S.

2011 *A Retórica fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais*. Recife, 2011.
Dissertação de doutoramento em Linguística, apresentada à Universidade Federal de Pernambuco.

SANTOS, M. T.; PERICÃO, G.

1985 Algumas reflexões (e sugestões) sobre o Curso de Especialização em Ciências Documentais. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1º, Porto, 1985 – *A Informação em tempo de mudança: atas*. Porto: BAD, 1985, vol. 2, p. 363-366.

SZCZYRBAK, M.

2014 e-Obituary and e-Nekrolog an emergent online genres: a contrastive study. In ROBSON, Garry; ZACHARA, Malgorzata, ed. – *Digital diversities: social media and intercultural experience*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2014, cap.16, p. 296-314.

SILVA, A. M. [et al.]

1998 *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto : Edições Afrontamento, cop. 1998.

SILVA, A.M.; RIBEIRO, F.

2012 Documentation/Information and their paradigms: characterization and importance in research, education, and professional practice. *Knowledge Organization*. 39:2 (2012) 111-124.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F.

2004 Formação, perfil e competências do profissional da informação. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8º, Estoril, 2004 - *Nas encruzilhadas da Informação e da Cultura: (re)inventar a profissão: atas*. [Em linha]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4161.PDF>.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F.

2002 *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SILVA, C. G.

2013 Perspectivas de investigação em Ciência da Informação. ENCONTRO IBÉRICO EDICIC 2013, 6º Porto – *Globalização, Ciência, Informação: atas*. [Em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; CETAC.MEDIA, 2013. Disponível em: http://eprints.rclis.org/22854/1/PORTUGAL_Perspectivas%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20Ci%C3%Aancia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf.

SILVA, L. [et al.]

2011 *Information professionals : University of Porto case study*. 2011. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73776/2/75522.pdf>.

SMIRAGLIA, R. P.

2009 *Modulation and specialization in North American knowledge organization: visualizing pioneers 2009*. [Em linha]. [S. l.] : University of Arizona, 2009, vol. 2, p. 35-46. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10150/105092>.

STARCK, N.

2006 *Life after death: the art of the obituary*. Victoria (Australia): Melbourne University Press, 2006.

SZPUNAR, P. M.; SZPUNAR, K. K.

2016 Collective future thought: concept, function, and implications for collective memory studies. *Memory Studies*. 9:4 (2006) 376-389.

TAMÒ, A.; GEORGE, D.

2014 Oblivion, erasure and forgetting in the digital age. *JIPITEC*. 5 (2014) 71-87.

TAVARES, D.

2017 *Transformações na Arquitectura portuense*. Porto: Dafne, 2017.

TAVARES, D.

2003-2011 *Sebentas de história da Arquitectura moderna*. Porto: Dafne Editora, 2003-2011.

TIGHT, M.

2008 Dead academics: what can we learn about academic work and life from obituaries? *London review of Education*. 6:2 (2008) 125-135.

UNIVERSIDADE DO PORTO

[20--] *Observatório do emprego e da trajetória profissional dos diplomados da Universidade do Porto*. [Em linha]. Porto: Universidade do Porto, [20--]. Disponível em: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=observat%C3%B3rio%20do%20emprego.

VAN DIJCK, J.

2013 *The Culture of connectivity: a critical history of social media*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, J.

2007 Mediated memories in the digital age. *Interdisciplinary Science reviews*. 36:1 (2007) 90-96.

VARIS, P.; SPOTTI, M.

2011 In beyond memory of Facebook, death and subjectivity. In *Tilburg papers in Culture Studies*. [Em linha]. 2011, paper 5, p. 1-11. Disponível em: <https://www.tilburguniversity.edu/research/institutes-and-research-groups/babylon/tpcs/download-tpcs-paper-5.pdf.htm>.

VEALE, K.

2004 Online memorialization: the Web as a collective memorial landscape for remembering the dead. *Fibreculture*. 3 (2004).

VELOSO, A. J. B., coord.

2017 *Médicos e sociedade: para uma história da medicina em Portugal no século XX*. Lisboa: By the Book, 2017.

VIEGAS, A. C.

2008 O *Eu* como matéria de ficção: o espaço biográfico contemporâneo e as tecnologias digitais. *Revista Texto Digital*. 4:2 (2008) 2-13.

VIEIRA, W.

2014 *O Obituário contemporâneo no jornal e nas coletâneas: uma discussão sobre gênero textual, biografia e sociedade*. 2014. Tese de mestrado em Estudos Culturais apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de S. Paulo.

VIVAS, D.; OLIVEIRA, S.

2015 Os Encontros de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas: 1965-1983: estudo histórico e bibliométrico. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 12^o, Évora, 2015 – *Atas*. [Em linha]. Lisboa: BAD, 2015. Disponível em: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/1289>.

ZITTOUN, T.

2017 Dynamic memories of the collective past. *Culture & Psychology*. 23:2 (2017) 295-305.

Paula Ochôa | poc.paula@gmail.com

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
CHAM - Centro de Humanidades

Paulo Jorge Barata | paulobarata2009@gmail.com

Biblioteca Nacional de Portugal